



**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NO
BRASIL**

Reginaldo Ribeiro Silva¹⁵⁷

E-mail: regishistoriador@hotmail.com

RESUMO: A realidade do negro passou por várias transformações ao longo da história. No Brasil, a assinatura da Lei Áurea ajudou superficialmente o processo de emancipação dos ex-escravos. Esse artigo abordará alguns elementos necessários para compreender o recorte histórico da abolição, com o intuito de fortalecer uma ótica de que esse projeto era essencialmente de interesses da elite, a qual sempre moldou a sociedade de acordo com próprios interesses. Nesse contexto, o negro aparece sempre como resistente às diversas formas de dominação, o que desmistifica a historiografia que o deixa sempre em tons passivos nos processos históricos.

Palavras-chave: Negro, Abolição, Preconceito.

RESUMEN: La realidad de negro pasó por varias transformaciones a lo largo de la historia. En Brasil, la firma de la Ley Áurea ayudó superficialmente el proceso de emancipación de los antiguos esclavos ahora. En este artículo se abordará algunos de los elementos necesarios para comprender el punto de vista histórico de la abolición, con el fin de reforzar el punto de vista de que este proyecto era esencialmente intereses de la élite, que han formado siempre la sociedad de acuerdo a su conveniencia. En este contexto, el negro aparece siempre como resistentes a las diversas formas de dominación, la desmitificación de la historiografía que siempre deja en sombras pasivos procesos históricos.

PALABRAS CLAVE: Negro, abolición, perjuicio

157 Graduando em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC Ilhéus/BA

I – INTRODUÇÃO

As discussões étnicas estão presentes na sociedade desde a formação e tem se configurado de modo a satisfazer aqueles que de certa forma, se sentem superior por serem desta ou daquela etnia. As diferenças entre os seres humanos são inegáveis e devem ser consideradas, pois as individualidades devem ser respeitadas de modo a minimizar as tentativas de superação pelo viés da cor e ou da condição social. O discurso que tenta reafirmar poder sobre as etnias consideradas desfavorecidas, ultrapassam fronteiras no tempo e no espaço. Na Roma Antiga, a escravidão já estava presente, mesmo em condições distintas, principalmente, nos motivos que levavam um determinado indivíduo a ser escravo, porque não eram somente levadas em consideração apenas as questões étnicas, mas também crimes, dívidas e mau comportamento conduziam o mesmo à escravidão. Pouco se sabe sobre as reais condições dos escravos dessas sociedades antigas, pois as produções quase sempre eram patrocinadas pela elite que primavam os assuntos lhe favoreciam.

A integração do Brasil com o continente africano é de grande relevância para explorar a compreensão do processo histórico do Brasil. O séc. XVI marcado pelo mercantilismo culminou na necessidade de mão de obra escrava e Portugal dotado de experiências no funcionamento do comércio de escravos, passou a buscar africanos na costa da África para sua colônia das Américas. Esses negros vieram de várias partes da África, principalmente do porto de Daomé, passaram a fazer parte da formação da história do Brasil, compondo o povo brasileiro. Esse fenômeno de transferência de africanos para o Brasil ficou conhecido como “Diáspora negra”, trazendo consigo príncipes, princesas, reis e rainhas para o Brasil.

Nessa perspectiva, é imprescindível refletir sobre as várias transições políticas e econômicas inerentes a história do Brasil, no entanto, a situação do negro sempre foi de sofrimento, uma vez que traços físicos e até suas culturas eram renegadas pela sociedade, como afirma Edson Carneiro

“... o negro era a besta de carga... o preconceito de raça, pesando sobre os seus ombros, tirou ao negro todas as possibilidades de desenvolvimento autônomo. Ninguém atentava o fato de ser a escravidão, e não a raça a causa

da degradação moral do negro...”, “além das diferenças econômicas e das diferenças de cor, o negro falava outra língua, adorava outros deuses, observava outros costumes, obedecia à outra organização de família.”

“a teoria da inferioridade da raça negra e dos demais povos de cor, que infelizmente conseguiu arrastar talentos como Nina Rodrigues, Nasceu da necessidade de justificativa, por parte da burguesia europeia, dos crimes cometidos “em nome da civilização, na África e na Ásia, contra o direito dos povos de disporem de si mesmos. A antropologia moderna põe abaixo as caramiolas dos Lombroso, dos Lapouge, dos Ferri, dos Gobineau. E L-H. Morgan, reduzindo o problema das raças às questões de cultura (adaptação do homem ao meio natural), mandou às favas as medidas craniométricas e outras tolices iguais” (Edson Carneiro 1937).

As transformações no modo de produção vieram acrescidas de outros elementos representados pela superioridade racial, que de forma cruel conduziu a uma nova forma de produção baseada na discriminação, preconceito e humilhação apoiada por instituições do Clero, que validaram as práticas escravistas, inclusive patrocinavam e estimulavam a captura de nativos. Apesar das tentativas de suplantar as etnias não europeias, tornou-se impossível conter a mestiçagem, pois contatos eram inevitáveis, todavia os mestiços também não se enquadravam nos padrões de sociedades aspiradas pela elite. Com isso, os mestiços passaram a sofrer algumas restrições e preconceitos, formaram-se então, com os negros e índios, os povos desfavorecidos da história do Brasil.

II - A MESTIÇAGEM

Sobre a mestiçagem do Brasil, Nina Rodrigues em seu livro *As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil*, aborda certo darwinismo social, apontado para a extinção dos povos indígenas. Esse estudo relata ainda o surgimento de alguns grupos de mestiços como: mulatos,

mamelucos, cafuzos e pardos¹⁵⁸, sendo que os últimos, segundos Nina, seria o retrato do Brasil. Quando se analisam os escritos de Nina Rodrigues, são encontrados elementos que reforçam a superioridade racial imposta pelos brancos que intensificou o processo de emigração primeiro dos portugueses, depois com italianos e alemães, no entanto a desigualdade na distribuição desses povos e o constante cruzamento interétnico fez crescer a mestiçagem frustrando o branqueamento do país. Diante do exposto, podem-se fazer recortes regionais tendo a região sul como liderança em números de brancos, seguido pelo eixo Rio – São Paulo que receberam imigrantes italianos constantemente e nas demais regiões predominam a mestiçagem.

III - A HISTORIOGRAFIA DA ESCRAVIDÃO

Torna-se válido um breve comentário sobre a personalidade Nina Rodrigues, pois esse autor foi protagonista de várias produções de caráter racista, em que sempre rebaixa os negros, índios e mestiços. No ensaio citado anteriormente é mencionada a temática da superioridade racial citando Silvio Romero¹⁵⁹. Influenciado pela Antropologia Criminal de Cesare Lombroso, Nina apesar de utilizar métodos científicos deixa explícito produções de marca preconceituosa. Para ele, os negros e mestiços seriam a razão do insucesso do Brasil e, sobre isso, em 1894, defendeu a tese de Códigos Penais diferentes para raças diferentes, abordando que os indivíduos deveriam atender às leis que se adaptassem em suas capacidades. Seus métodos quase etnográficos não possibilitaram um conhecimento da humanidade existente nos povos estudados, pois os estudos reforçaram o preconceito já existente nas ideias do médico e cientista social, Raimundo Nina Rodrigues.

Abdias do Nascimento no ensaio, *O Brasil Na Mira Do Pan-africanismo* trouxe outras perspectivas acerca dos negros, principalmente das africanas que sofriam abusos dos proprietários e também eram usadas

158 Os pardos, produto do cruzamento das três raças e proveniente principalmente do cruzamento do mulato com índio, ou com os mamelucos caboclos. Este mestiço, que no caso de uma mistura equivalente a três raças deveria ser o produto brasileiro por excelência, é muito mais numerosa do que realmente se supõe. (Nina Rodrigues - As Raças Humanas e a responsabilidade penal do Brasil, pg.84 – 1938)

159 “O seu número (dos Brancos) tende a aumentar, ao passo que os índios e os negros puros tendem a diminuir. Desaparecerão num futuro não muito remoto, consumidos na luta que lhes movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento. O mestiço, que é a genuína formação histórica, ficará só diante do branco puro, com o qual se há de, mais cedo ou mais tarde, confundir”

como fonte de renda na prática de prostituição, onde os escravocratas eram mediadores e recebiam pagamento pelos favores sexuais oferecidos pelas escravas. Ainda faz referência ao legado patriarcal português que influenciou bastante nas práticas abusivas dos senhores. Nesse cenário, a mulher negra aparece como principal vítima, não só no período colonial, mas também no período que precedeu a abolição. O homem branco se achava na condição de autoridade com relação às mulheres negras e as sujeitavam às piores mazelas possíveis, que de acordo com o autor tais práticas foram denunciadas no *Manifesto das Mulheres Negras* ao Congresso das Mulheres Brasileiras no Rio de Janeiro em 1975

[...] as mulheres negras brasileiras receberam uma herança cruel: ser o objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é aclamado e proclamado como “o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira”. Mas se a qualidade do produto é de ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso.

Célia Maria Marinho de Azevedo, no livro *Onda Negra Medo Branco* afirma que o negro, ao longo do século aparecia em várias produções, por isso alguns autores tentam inseri-los na sociedade brasileira, outros discordavam e remetiam às ideias de selvageria africana, que o negro não se adequaria ao mundo civilizado e várias foram as discussões. Após a abolição os discursos não mudaram, e se atualmente, o negro ocupa alguma posição social, com certeza é pelas próprias lutas e resistências travadas por esse grupo social ao longo dos séculos.

IV - O MITO

As falsas democracias raciais que alguns teóricos defendem, não passam de máscaras que tentam induzir a sociedade que legitima práticas preconceituosas. Dessa forma, torna-se possível perceber nas relações conjugais dos brancos que quase sempre repugnam o casamento interétnico. Sobre isso, o autor Abdias do Nascimento traz conceitos populares¹⁶⁰. As contribuições do autor Abdias do Nascimento para o Movimento Negro

160 Branca para casar, negra para trabalhar e mulata para fornicar.

foram de extrema importância já que protagonizou diversas publicações na tentativa de inserir o negro na sociedade brasileira. O movimento integralista foi apenas o início da longa e produtiva carreira de Abdias, que participou de diversos movimentos como: Frente Negra, MNU (Movimento Negro Unificado), TEM (Teatro Experimental do Negro) entre outros.

“O dia 13 de maio foi transformado pelo Movimento Negro Unificado – MNU, em Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, após a fundação do Movimento Negro Unificado – MNU, no ano de 1978. A contestação do 13 de maio como data que é lembrada como a da Abolição da Escravatura pela oficialidade, se dá porque os descendentes de africanos não participam igualmente na sociedade brasileira, uma vez que ainda há preconceito e discriminação racial manifestados pelo racismo contra negros e negras na sociedade brasileira.” - Adomair Ogumbiyi - “Idealizado, fundado e dirigido por Abdias do Nascimento, o Teatro Experimental do Negro tem como objetivo a valorização do negro no teatro e a criação de uma nova dramaturgia. Contemporâneo de Os Comediantes, companhia com a qual realiza intercâmbios, o Teatro Experimental do Negro atua no nascimento do teatro moderno, priorizando seu projeto artístico sem levar em conta o gosto médio da platéia e abrindo mão da profissionalização”

Abdias do Nascimento faz referência também sobre o ato criminoso de destruição das fontes da escravidão. Os registros foram destruídos pelo então Ministro das finanças de Rui Barbosa em 1899, que pretendia com isso eliminar resquícios provenientes da escravidão, mas a ingenuidade ou falta de conhecimento no campo da história não permitiu ao Ministro a análise de que o principal elemento da escravidão não foi nem pode ser destruído, o Negro. A historiografia carece de elementos essenciais na compreensão da sociedade escravista, porém a necessidade imediata é do reconhecimento da igualdade entre os povos que ainda nos dias atuais, rotula principalmente os afrodescendentes e os submetem a condições subumanas. Ocorrem várias tentativas de inserção do negro, no entanto, existem resistências para a concretização, a primeira barreira é a falta de reconhecimento da necessidade de reparação com relação aos negros e o preconceito que impede as discussões de caráter raciais.

As produções historiográficas monopolizadas pela elite quase sempre, tratava o negro como objeto de exploração, sem expressão política e, portanto, passivos com relação à dominação. Essa prerrogativa perdeu forças ao longo dos tempos, pois apesar da repressão os negros não se mostravam passivos ao sistema, fatos evidenciados nos diversos movimentos negros que ocorreram ao longo da história, a exemplo da revolta do malês que foi um movimento tão rápido devido à repressão, porém com grande repercussão nas lutas dos negros na atualidade. Alguns historiadores falam que a grande preocupação da elite era acontecer no Brasil, justamente o que aconteceu no Haiti quando os negros tomaram o poder e eliminou praticamente a escravidão. O Haiti com esse feito, apesar dos problemas enfrentados é talvez uma grande representação da África fora da África.

V - RESISTÊNCIA

O quilombo¹⁶¹ pode ser interpretado como o retrato das resistências negras, essa modalidade parece ter tanta importância que não basta apenas referir a Palmares como um grande movimento social. O fato é que esse fenômeno estava presente onde quer que houvessem escravos, como reforça Clovis Moura

“o Quilombo foi, incontestavelmente a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existisse a escravidão lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil. O fenômeno não era atomizado, circunscrito à determinada área geográfica, como a dizer que somente em determinados locais, por circunstâncias micológicas favoráveis, ele podia afirmar-se. Não. O Quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse”.

Penso que os quilombos não se restringiam às zonas rurais, pelo contrário, na periferia das cidades era comum a presença dessa resistência. O quilombo do cabula situado na região periférica de Salvador, foi exemplo

161 As autoridades entendiam por quilombo “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (resposta do Rei de Portugal a consulta do Conselho Ultramarino, datada de 2 de dezembro de 1740). *Clovis Moura Rebeliões da Senzala-1988*.

de um ajuntamento urbano. Segundo Clovis Moura esses refugiados eram temidos nos arredores da cidade, pois eles faziam armadilhas, assaltavam a vizinhança e aterrorizavam quem entrava ou saía da cidade. *Rebeliões e Senzala* fazem referência a diversos quilombos na região de Rio de Contas, comarca do município de Ilhéus, ajuntamentos inclusive com roças e plantações, um verdadeiro rosário de quilombos se espalhava pela província. Ainda em Rio de Contas existiu um local que hoje se denomina Arraial dos Crioulos. Assim também expõe “a república dos Palmares, a rebelião do Cosme no Maranhão, e tantas outras tentativas de conquistar a sua liberdade, tem sido ensaiada pelos escravos; e a última cena do drama representado em São Domingos nos princípios deste século, e o segundo ato dos Estados Unidos, ensaia-se há esta hora no Brasil” Célia Maria Marinho (PP.4145).

Clóvis Moura em *Rebeliões da Senzala* faz referência ao Quilombo de Campo Grande nas Minas Gerais, como de maior proporção e o que mais preocupou as autoridades, antes da destruição. Esse ajuntamento, segundo Moura não se caracterizava apenas como um, mas por vários quilombos interligados e articulados por interesses coletivos. O autor reforça ao grau de organização desse Quilombo, ao citar a possível presença de reis e rainhas, no entanto, não há documentos comprobatórios desta possibilidade. Embora tão articulado, tanto os grandes Quilombos, Campo Grande e Palmares, quanto os de menores expressões foram duramente repelidos.

Muitos historiadores elegem os fatos ocorridos no Haiti¹⁶² como elemento de provocador das preocupações dos brancos com relação à expressão negra. Naquela então colônia, os negros tomaram o poder e eliminou praticamente a escravidão.

Célia Maria Marinho de Azevedo questiona *O que fazer com o negro quando a escravidão terminar? Ou então, como impedir um final brusco da escravidão, deixando à solta e sem nenhuma regra uma imensa população de negros e mestiços pobres em um país regido por uma minoria de ricos proprietários brancos?* Em seu Livro *Onda Negra, Medo Branco*, relata as preocupações da elite com os negros durante a transição para o trabalho livre. Várias produções memorialistas foram escritas na tentativa de inserção do negro na nova perspectiva econômica. Essas prerrogativas nos mostram que apesar das lutas constantes dos negros por liberdade, todas as demandas sociais

162 O Haiti foi o primeiro país latino-americano a se tornar independente da França, por meio da **Revolução Haitiana**. Denominada de colônia Saint Domingue, o país era o maior produtor de açúcar do mundo e o principal exportador de café para a Europa.

atendiam basicamente aos interesses dos que possuíam poder econômico.

VI – CONCLUSÃO

Torna-se impossível falar do Brasil sem falar na identidade negra, que teve um papel relevante na sua formação. Hoje, estima-se que mais de 50% da população brasileira é composta por negros, o que fica evidente a grande representatividade cultural, no entanto, o Brasil nega isso, porque o preconceito impera na sociedade, que coloca o negro em posições inferiores. Ainda no séc. XXI é comum na sociedade associar o negro à criminalidade, todavia esse assunto deve ser entendido de forma aprofundada, porque a real marginalidade do Negro está lá no séc. XVI, quando trouxeram africanos capturados sem nenhum respeito por suas culturas ou no séc. XIX na abolição, quando a mão de obra escrava foi trocada pela livre europeia, enquanto que os negros foram jogados à própria sorte. É nesse contexto que acontece a definição das oportunidades para os negros no Brasil e a construção de uma suposta identidade negra.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Célia M. **Onda Negra Medo Branco**. 2º edição. Revista e aumentada. São Paulo: Annablume, 2004.

CARNEIRO, Edison. **Religiões Negras**. 3ª edição. Negros Bantos, 1937.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões e Senzala**. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Brasil na Mira do Pan-Africanismo**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia EDUFBA, 2002.

NINA RODRIGUES, Raimundo. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.